

VÍDEO

O índio Aiuruá Mehinako é premiado em Tóquio, no Japão, por documentário sobre ritual em homenagem aos mortos

# KUARUP SEGUNDO OLHAR INDÍGENA

Klecius Henrique  
Da equipe do Correio

Depois de sete anos sem fazer um *kuarup*, os índios Mehinako, da região do Xingu, decidiram realizar o ritual de homenagem aos mortos em agosto de 1997. Na época, celebravam o espírito do cacique Aiuruá Mehinako. O ritual foi a matéria-prima do vídeo *Mehinako Ukayumai*, que ganhou menção especial do 21º JVC Tokyo Video Festival, realizado no Japão.

Dirigido pelo índio Aiuruá Mehinako, neto homônimo do cacique homenageado, o vídeo mostra em 20 minutos o *kuarup* dos Mehinako. Da preparação ao dia do ritual (homenagem aos mortos que conta com a presença de índios de várias tribos), o vídeo revela de forma objetiva o significado de cada passagem do *kuarup*.

Narrado em mehinako pelo próprio diretor e legendado em português, *Mehinako Ukayumai* foi gravado por Aiuruá na tribo que abandonou há nove anos para morar com uma mestiça em Planaltina (DF), com quem teve dois filhos. Nas gravações, foi auxiliado pela *videomaker* Elza Ramalho e pela antropóloga Delvair Montagner.

No retorno à tribo, Aiuruá parecia não ter saído do Parque Nacional do Xingu. Tranquilo, só acionava as câmeras quando tinha certeza de que

Acácio Pinheiro



Aiuruá Mehinako e Elza Ramalho atuaram em parceria na realização do vídeo premiado com menção especial

algo iria realmente acontecer e mereceria o registro. "Não entendia quando via os índios organizando as coisas e Aiuruá não filmava", lembra Elza Ramalho.

Como conhecia aquele ritual como a palma da mão, o Mehinako, para

não desperdiçar fita, só gravava o que tinha certeza de que valeria a pena, numa espécie de pré-edição. "Ou seja, o vídeo que traz pela primeira vez a versão de um índio para o *kuarup* não seria o que é se não fosse feito por Aiuruá", ressalta Elza Ramalho.

Finalizado em Betacam, o vídeo foi gravado com duas câmeras (uma *Hi-Eight* e outra SuperVHS), cedidas a Aiuruá pela ONG japonesa Rain Forest Foundation, e editado com apoio do CPCE (Centro de Produção Cultural e Educativa) da UnB, onde Elza

Ramalho presta serviço — ela é professora da Fundação Educacional.

O prêmio — US\$ 1 mil e troféu que serão entregues em abril no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo — estimulou Aiuruá Mehinako a preparar outro vídeo. O índio *videomaker* também não vê a hora de exibir o trabalho no Parque Nacional do Xingu.

"Agora, quero filmar o *yamoricumã*, reunião das mulheres de várias tribos, onde ocorre até uma luta entre elas", adianta Aiuruá Mehinako, que começou a trabalhar com o audiovisual ajudando os *videomakers* de Brasília e hoje, aos 29 anos, sobrevive como *freelancer*.

O vídeo de Aiuruá não foi o único brasileiro vencedor do 21º JVC Tokyo Video Festival. *Hanah — Sob a Pele*, da carioca Márcia Antabi, foi premiado na categoria bronze. As duas fitas concorreram com dois mil trabalhos originários de 39 países.

Aberto com desenhos de Aiuruá trabalhados pela computação gráfica de Darlan Rosa, *Mehinako Ukayumai* deve gerar ainda outra fita: o *making of* do vídeo de Aiuruá, dirigido por Elza Ramalho. Vencedor também do melhor documentário do 3º Vídeo da Terra, da Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais), Aiuruá Mehinako sonha agora em ver o vídeo na televisão.

Class. 101  
Data 21/2/99  
C.B.  
31  
DOCUMENTAÇÃO